

O CORPO E SUA DIMENSÃO SIMBÓLICA

João Guilherme Rodrigues Mendonça¹

RESUMO: Corpo e psique revelam-se em uma unidade indissolúvel, reafirmando a dimensão humana em corpo que somos. Através da Cabala e da filosofia judaico-cristã, a geografia do corpo é mapeada no esquema corporal e compreendida em sua representação que transcende nossa consciência. O corpo é concebido como uma via simbólica, que se comunica em uma dimensão sagrada. A construção desse olhar foi a partir da pesquisa bibliográfica cujos aportes permeiam o papel do corpo na psicologia de orientação analítica.

PALAVRAS_CHAVE: Corpo-símbolo; esquema-corporal; soma e psique.

ABSTRACT: Body and psyche are revealed in an indissoluble unit, reaffirming the human dimension in body that we are. Through the Cabal and of the Jewish-Christian philosophy, the geography of the body is mapped in the corporal outline and understood in your representation that transcends our conscience. The body is conceived as a symbolic road, that communicates in a sacred dimension. The construction of that glance was starting from the bibliographical research whose contributions permeate the paper of the body in the psychology of analytic orientation.

KEYWORD: Body-symbol; outline-corporal; he/she/you adds and psyche.

“Cada parte ferida de um corpo é a pista para uma causa maior e profunda, um sinal a ser lido e decodificado. Diz-se que as catedrais são livros de pedra. Nós somos livros de carne. Vivemos o que somos”.

Evaristo Eduardo de Miranda

¹ Professor Mestre em Pedagogia do Movimento Humano, da Fundação Universidade Federal de Rondônia, Psicólogo com formação em Psicologia Transpessoal e Educador Físico.

O corpo é a referencia nominal que diz da presença material, física, de cada ser humano. Sua presença física revela enquanto espécie a identificação comum das características de nossa forma (cabeça, tronco, membros), de nossa verticalização e nossa comunicação vocal.

Todavia, a experimentação vivida por cada indivíduo de nossa espécie em relação ao seu corpo determinará a especificidade identitária que o fará ser percebido como único. Esse processo discriminatório revela então que, o humano tem uma realidade de essência, de natureza mais íntima e profunda daquilo que faz que o humano seja, o que é, indo além da própria matéria.

Ver o corpo como matéria, é poder concebê-lo como engrenagens justapostas (ossos, músculos, órgãos) com diferentes funções. Essa perspectiva reducionista lembra muito bem a ciência do século XVIII, XIX e também de boa parte do século XX. O dualismo soma e psique fruto do pensamento cartesiano contribuiu para que o Ser que é em cada corpo, não pudesse manifestar-se na plenitude de sua essência. Jung (1981), considera que, matéria e *psique* fazem parte de uma mesma e única realidade.

As conseqüências de uma concepção não integradora, de unidade do humano entre seu corpo físico e suas outras realidades interiores potencializou diferentes síndromes que a medicina psicossomática apressou-se a desvendar. VARGAS (2002: p.33) considera que o tema "*psicossomático*", "*uma tentativa de reunir o indevidamente separado*", ou seja "*psique*" e "*soma*". Nossa "*psique*" é também somática, tanto quanto nosso "*soma*" é também psíquico. Desapossados um do outro, *soma* e *psique* lança a dimensão humana em rupturas, que poderá repercutir em diferentes disfunções. Podemos concluir que o corpo tem uma relação de igualdade com a *psique* em sua totalidade.

É relevante considerar as intervenções da psicologia e também das diferentes religiões que agem também no sentido de reverter ou minimizar as incongruências entre o corpo que age, o pensamento, e o ser desejante que pede. PÉREZ (2002: p. 27) reafirma esta idéia ao confirmar que "*la nuevas formulaciones de la física contemporânea se enruban a una concepción acentuada de la transformación y el cambio de psique em cuerpo en psique y por lo mismo la imaginación y la energia parecen jugar un papel clave*".

O confinamento do humano em corpo matéria não permite sua hominização. Ao contrário, o escraviza a um bem que está mas não é. Poderíamos mesmo

compreender o corpo como um envelope vivente e sem vida. É preciso pois, a reapropriação do corpo no humano que é, porque não temos um corpo, somos um corpo. Ser e conhecer o próprio corpo é saboreá-lo, vivenciá-lo. SIVADON (1988: p.13) propõe a conveniência de *“aprender a se ocupar do corpo sadio afim de que este seja menos doente e saiba deixar mais agilmente as fronteiras da morbidade”*. Ocupar do corpo sadio é promovê-lo a encontros em suas mais recônditas geografias. É torná-lo uma eterna novidade, um desbravador de mundo, e que o proteja. É apropriar-se e reapropriar-se no vivenciar as reações e padrões de nosso corpo. É permitir toda mobilização de resoluções favoráveis ao nosso organismo.

Quando sentimos que não temos nada mais a aprender em relação ao nosso corpo, dado a obviedade e objetividade de sua presença física tal qual é e está; o corpo é visto e vivido como um velho conhecido. Esta forma de viver e conceber o corpo pode denunciar o enrijecimento da forma, do modelo tal qual se apresenta, para não se submeter à fragilidade do desconforto e, sobretudo a insegurança do que representa a mudança da forma.

O engessar-se cronifica e mantém a ilusão da segurança e estabilidade de um modelo que pode estar significando a presentificação de uma doença (quadro patológico) e, portanto de sofrimento. Levar o paciente à re-descobrir; tirar a coberta que modela; o gesso que paralisa; a muleta que sustenta a estagnação do corpo em padrões; para a novidade do desnudar da forma; a insegurança de um gesto novo; as sensações de novas contraturas; a leveza e força dos membros; a flexibilidade do gesto; a incerteza de um novo ponto de equilíbrio, podemos renascer para um novo mundo do meu corpo. Um corpo integrado e potencializado em sua dimensão humana.

DIMENSÃO SIMBÓLICA

O corpo humano tem através de sua materialização uma imagem e conteúdo que comunica consciente e inconsciente como símbolo. E *“é por meio dos símbolos que os diferentes arquétipos estruturam nossa consciência, nosso ego, ao longo de nossa existência”* (VARGAS: p. 30). O corpo, portanto, como uma via simbólica, é uma dimensão estruturante da consciência. REIS (2002: p. 44) ao

analisar o corpo como expressão dos arquétipos afirma que *“a linguagem corporal é como a onírica: anuncia e denuncia, fornecendo, assim, símbolos à consciência”*.

O corpo como símbolo, atua na direção de um sentido. Sentido que se desvela, ou seja, a consciência de ser esse corpo que fala, que pensa, que sente, que age. O sentido da consciência é o da harmonia e identificação. O sentido do simbólico

está expresso nas atitudes, posturas, mímicas, no funcionamento de nossos aparelhos, bem como nas alterações bioquímicas e neuro hormonais. Está expresso no modo como nos relacionamos com o outro, na maneira como nos sentimos e pensamos, como vemos o mundo onde estamos vivendo, ... (VARGAS, 2000: p. 31)

MAGALHÃES (1984: p. 146) apud JUNG, revela que a natureza e a origem dos símbolos não são individuais, mas coletivos, principalmente *“os símbolos religiosos, cuja função é dar sentido à vida do homem”*. O corpo então se revela em um símbolo como uma dimensão estruturante e arquetípica. Sua estrutura e suas partes expressam de acordo com suas intenções a realidade essencial da pessoa. Nesse sentido o simbolismo do corpo, desvela que a dimensão do corpo matéria é somente uma variável a ser compreendida, é preciso que se ouça o corpo que fala por meio do desejo e que anuncia e denuncia o universo consciente e inconsciente.

SIMBOLISMO DO CORPO HUMANO

Diferentes culturas e tradições do oriente e do ocidente dizem sobre a dimensão corporal, a descrição do homem. A dimensão sagrada e simbólica do corpo traz a representação do que transcende nosso entendimento e consciência. Focalizarei esta dimensão na geografia do corpo; procurando ouvi-lo em uma unidade representativa de um microcosmo unida ao macrocosmo extraído na tradição da Cabala através da *Árvore das vidas* ou *Árvore de sefirot* e na filosofia judaico-cristã. Para SOUZENELLE (1995: p. 10) a *Árvore das vidas* *“permanece, o arquétipo do corpo do homem, aquele de quem ela é a imagem e a semelhança do qual ele é chamado”*.

A *Árvore das vidas* (figura 1 e 2, Apud SOUZENELLE, 1995: p. 14 e 51) possui as qualidades e atributos da divindade, indica no judaísmo que uma pessoa são muitas vidas. A representação dessa figuras revela o caminho do conhecimento e da experiência interior. Simbolicamente na tradição judaica nosso corpo e a

pessoa que somos desenvolvem como Árvore das vidas, isto significa o local por onde jorra a experiência vivida e a unidade na vivência com o mundo exterior.

As dez *sefirot* podem se grupadas em três unidades ternárias, no esquema da Árvore das vidas: Coroa (*ketér*), Sabedoria (*chochmá*), Inteligência (*Biná*), na parte superior. Esse primeiro triângulo revela a essência de divindade, com seu vértice apontado para cima, para o *Ain*. Ele está associado à cabeça (*rósh*) e à matriz craniana no esquema corporal e a sede do ser divino. Segue-se a tríade Graça ou Misericórdia (*Chessed*), Justiça ou Rigor (*Din* ou *Guevurá*) e Beleza (*Tiferet*), o coração, o sol, o amor divino fecundo e criador. Voltado para baixo, esse triângulo exprime o plano de Deus e está associado à matriz peitoral, ao sistema cardiorrespiratório no corpo humano. É visto como a sede do ser espiritual e a matriz do ser divino. Na Cabala, os vértices desses triângulos são associados a Abraão (*Chessed*), Isaac (*Guevurá*) e Jacó (*Tiferet*). Mais abaixo está o segundo triângulo, Vitória ou Potencia (*Nétsach*), Glória ou Magestade (*Hod*) e Fundamento (*Iessód*), o sexo, o amor humano, o útero, a lua. Ele corresponde ao complexo urogenital, sede do ser psíquico e matriz do ser espiritual, a matriz abdominal. O vértice desse triângulo aponta para baixo e abre-se ao Reino (*Malchút*), ao domínio, à terra, ao sentir físico, aos pés no sistema corporal, às sraizes da Árvore humana. (MIRANDA, 2000: p. 41).

FIGURA 1

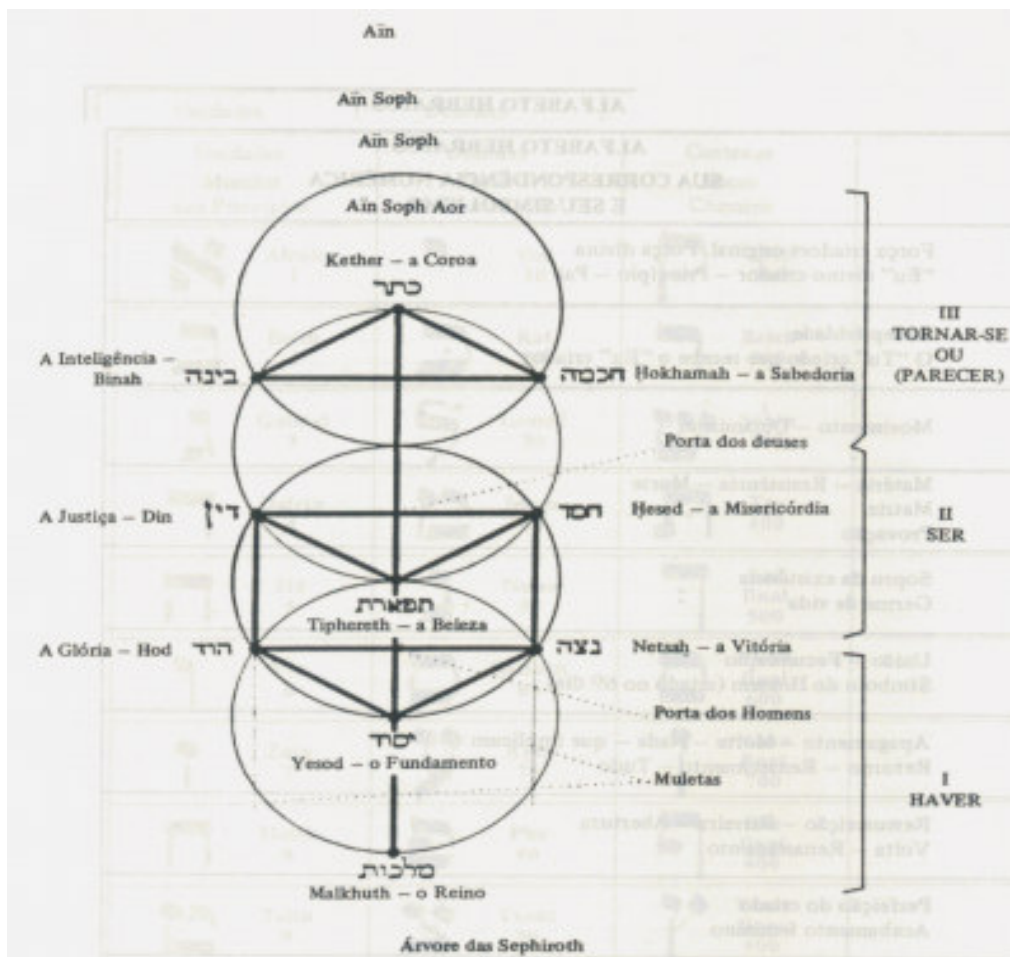
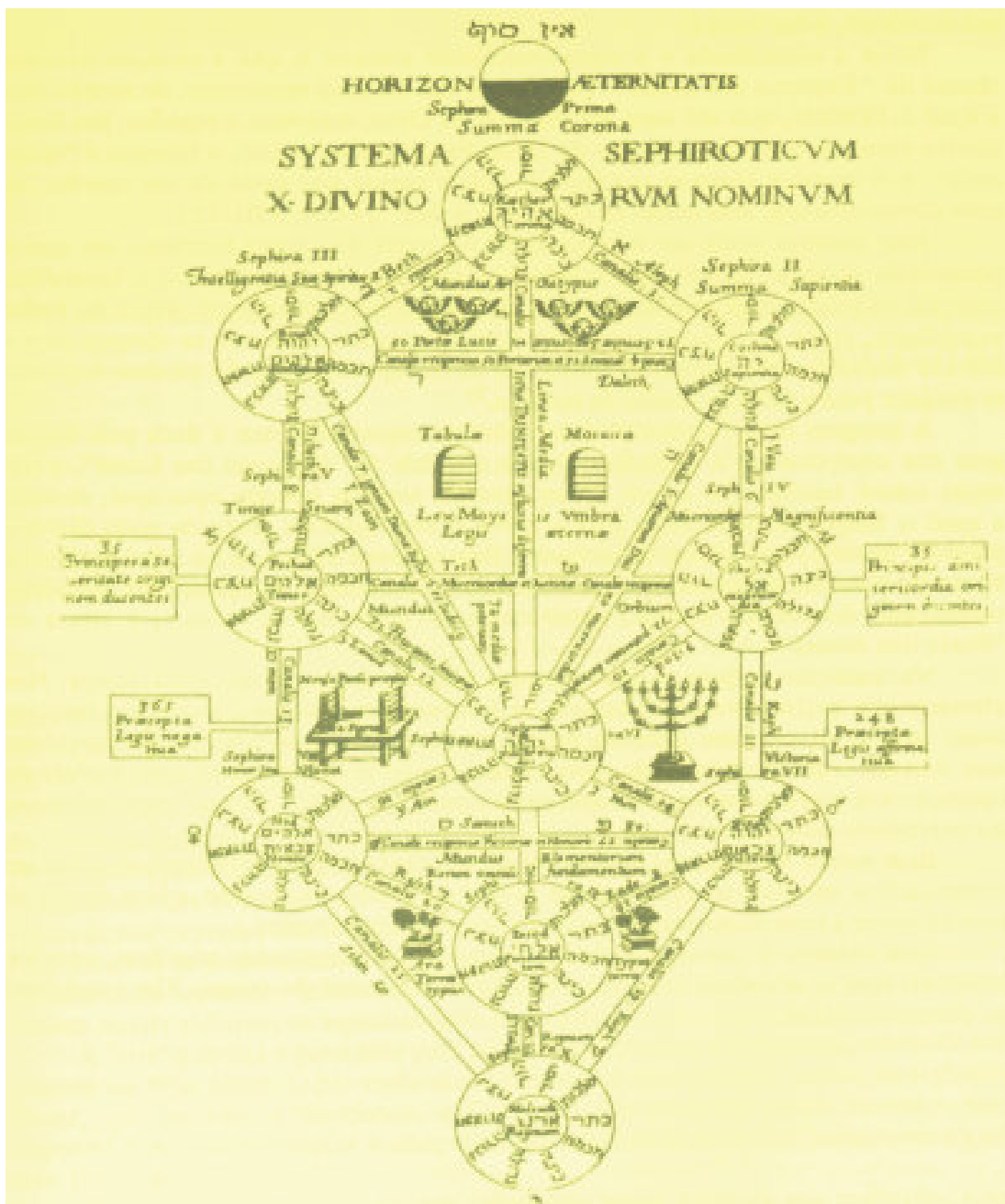


FIGURA 2



A Árvore das vidas vem analogamente à Árvore humana, (Figura 3 e 4, Apud DOUGLAS & SLINGER, s/d: p.114 e 115) representar a dimensão sagrada do corpo em seu aspecto físico, psicológico e divino. Cada parte do esquema corporal é tornado sagrado e de significado simbólico específico; dando uma dimensão transcendente ao humano. Essas figuras são representativas de uma simbologia que une no humano o plano ontológico e o existencial; ela exprime a união orgânica de dez *sefirot*. MIRANDA (2000: p.45) esclarece que “na tradição da cabalá, em

cada pessoa, a essa Árvore humana (Árvore das vidas) corresponde à presença de uma árvore divina (Árvore do conhecer bem e mal), em posição invertida”.

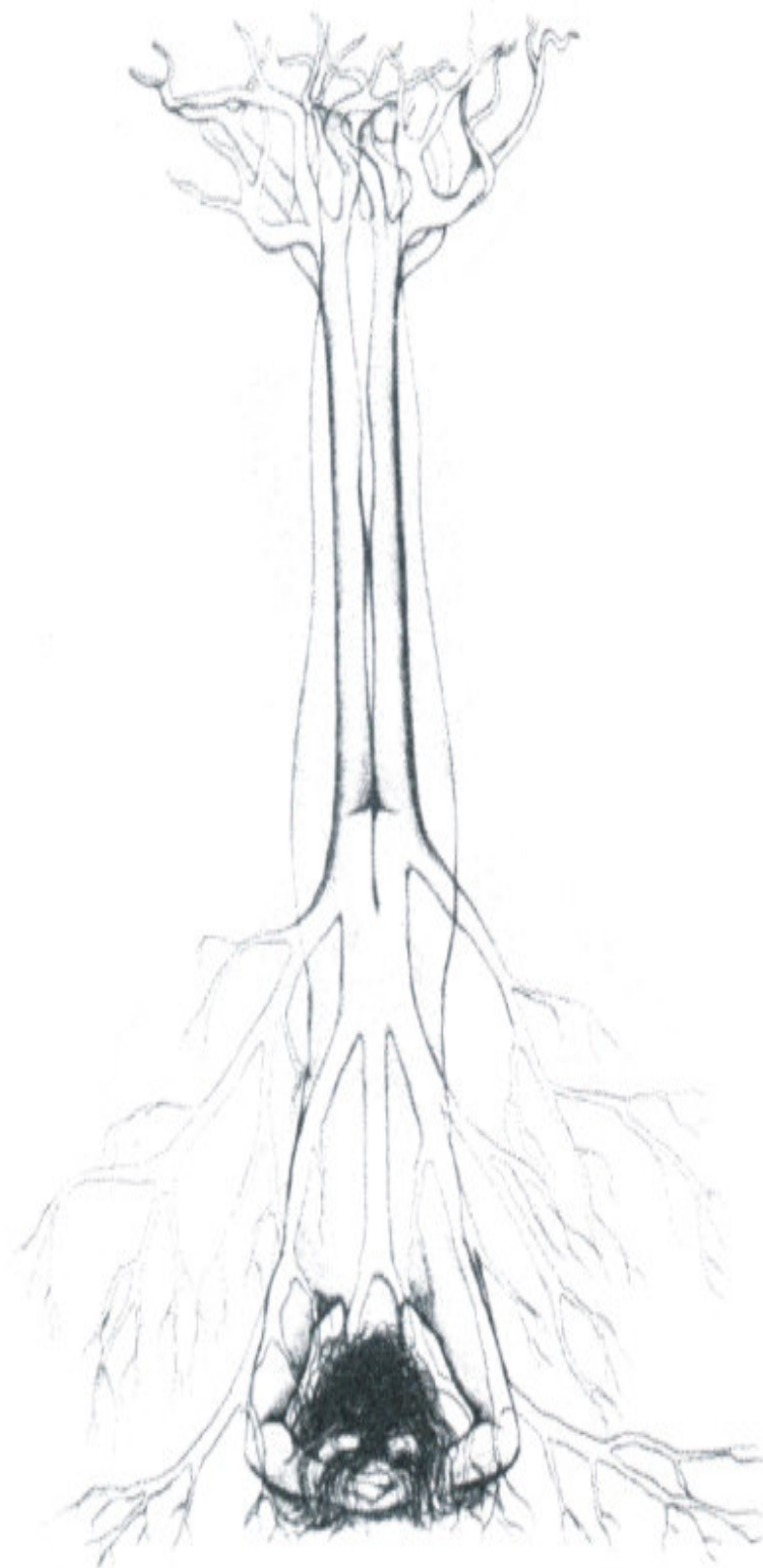
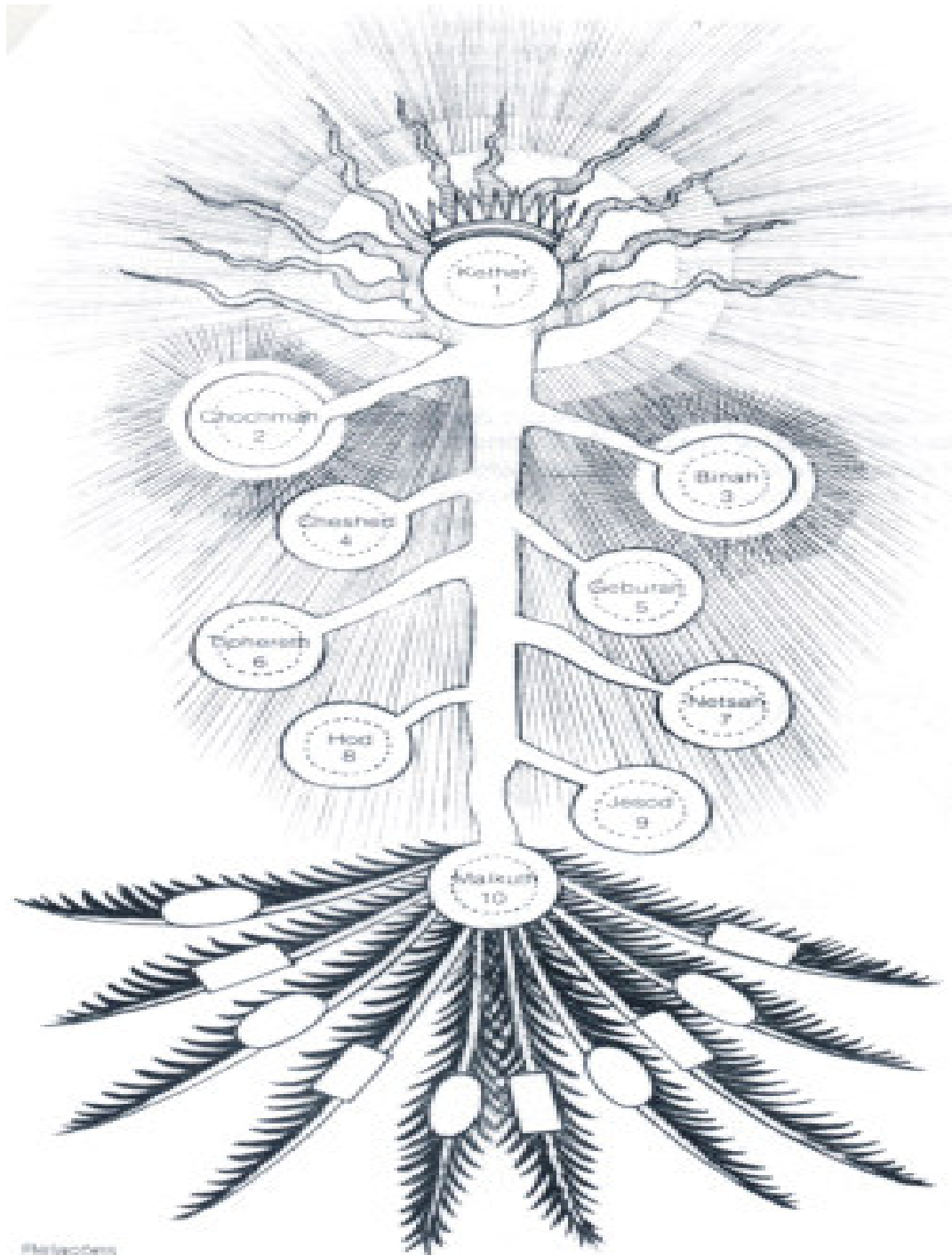


FIGURA 3



Relações

1 KETHER	Céu	Cabeça de Deus
2 CHOCHMAH	Sabedoria	Primeiro Movimento
3 BINAH	Compreensão	O Zodíaco
4 CHESHED	Misericórdia	Lado Direito
5 GEBURAH	Severidade	Lado Esquerdo
6 TIPHERETH	Beleza	Coração
7 NETSAH	Verão	Perna Direita
8 HOD	Outono	Perna Esquerda
9 JESOD	Base	Sistema Gerativo (energia masculina)
10 MALKUTH	O Reino	Os Sentidos (energia feminina)

FIGURA 4

Explorarei em seguida as explicações existentes entre os órgãos; víceras ou as diversas partes do corpo como na obra de MIRANDA (2000), "*Território do Sagrado*":

O REINO (*MALCHÚT*)

OS PÉS: Simbolicamente, os pés representam nosso começo, nosso primeiro estágio no campo do *TER* e nos levam às nossas raízes, à identificação e à identidade.

AS PERNAS: A perna vai representar a símbolo dos vínculos sociais e exteriores. Do ponto de vista espiritual, elas são a imagem daquilo que permitirá ao Homem percorrer suas terras interiores, estabelecendo contatos de fertilidade com seu EU profundo.

OS JOELHOS: Representa como símbolo o engendrar humano, eles deveriam ser objetos de atenção e carinho. Na tradição judeu-cristã os joelhos falam da procriação realizada, da criança benigna e bendita em cada ser humano e do coroamento do crescimento interior.

AS COXAS: As coxas evocam a adolescência e as passagens iniciáticas do amadurecimento que preparam para a experiência sexual, para a reprodução, para a entrada na idade adulta, a passagem do homem na tríade *Hod, Netsach e lessód*.

A PORTA DOS HOMENS

O PLEXO UROGENITAL: Representa as primeiras aberturas e comunicações físicas permanentes entre o interior e o exterior do humano, entre o *Ter* e o *Ser*.

A MATRIZ ABDOMINAL

O ÚTERO: É a matriz do *Ser* por excelência; é o seio interior. É dar a luz a si mesmo.

O UMBIGO: O umbigo é o lugar de nosso primeiro ferimento formal, de nosso primeiro corte, de nossa primeira cisão com a fonte da vida maternal.

OS RINS: Na simbologia bíblica, os rins estão associados à força e a seus contrários, o pânico e o medo. Nos rins se chega ao segundo estágio do *SER* como terra fértil para as sementes da Vida.

O ESTÔMAGO: O amor, ser amado e deixa-se amar, representa o verdadeiro ágape. O estômago deveria ser receptáculo de bons alimentos e sentimentos.

O PÂNCREAS: O pâncreas está simbolicamente vinculado à realização ou à transformação da carne. Na tradição Judeu-cristã, a carne não pode ser identificada com o corpo, nem com a matéria. Ele é o completo psicofísico do homem sua existência concreta e total.

O FÍGADO: É o órgão da honra, do peso, do pesar, da glória e da luz. Um dos lugares simbólicos de maior densidade do corpo humano.

A MATRIZ PEITORAL

O CORAÇÃO: Cheio de realeza, o coração é identificado como um rei, tanto na tradição Judeu-cristã, como no Taoísmo, ou no Sufismo, onde é vista como o trono de Deus no centro do homem (*Tiferet*).

OS PULMÕES: Na perspectiva bíblica os pulmões vêem. E quem não vê com os pulmões, não ouve, nem se conhece, nem se conhece o Espírito da verdade.

A COLUNA VERTEBRAL: Arquetipicamente abalar a coluna significa abalar o edifício inteiro. Representam também as relações entre céu e a terra.

AS MÃOS: As mãos representam na tradição Judeu-Cristã o conhecimento e o poder. A mão é uma síntese exclusivamente humana, do masculino e do feminino. Ela é passiva no que contém e ativa no que detém.

OS OMBROS: Os ombros são considerados simbolicamente o lugar do fardo, do jugo, do peso, transformam-se no território do bem querer, da potência da realização, da emergência do escondido ou perdido.

AS CLAVÍCULAS: As clavículas são as chavinhas. Elas são as chaves (*mafteach*) da chamada porta dos deuses, a passagem do pescoço na simbologia do corpo humano.

A PORTA DOS DEUSES

O PESCOÇO: Simboliza no sentido descendente a passagem da vida à ação, a comunicação da alma com o corpo, a via pela qual se manifesta e passa a vida.

A COROA (KETÉR)

A CABEÇA: O rosto humano retoma nesse plano superior tudo o que os planos inferiores revelaram.

OS OUVIDOS: Simbolicamente estão associados à capacidade de escuta mística, interior, vibracional ou à abertura da pessoa à inteligência cósmica, à capacidade de situar-se no espaço e no universo.

A BOCA: Por ser o órgão da palavra (*Logus, Verbum*) e do sopro (*ruach, spiritus*), a boca é um símbolo feminino do poder criador, criativo, a manifestação dos graus mais elevados da consciência.

OS DENTES: O dente evoca as leis e os instrumentos pelos quais a pessoa, trabalhando sobre si mesma, vai tornar-se devenir, cada vez mais, uma pedra trabalhada e não bruta, apta a inserir-se no grande edifício humano e cósmico.

A LÍNGUA E A SALIVA: Como órgão do paladar e do gosto, a língua é o símbolo do discernimento. A saliva fala de nosso desejo de alimentação espiritual.

O NARIZ: Simbolicamente, representa um tipo de discernimento mais intuitivo do que a razão.

OS OLHOS: Os olhos são a grande porta de entrada para a matriz cerebral, nossa instância mais próxima da Emanação.

O CRÂNIO: O crânio coroa e representa a Pessoa, única e irrepetível, ícone divino, criado ao som do Verbo e na ressonância do seu Nome.

Entremeado pelos mecanismos biológicos, o corpo mantém uma estreita relação com a *psique*. Esta se afirma em uma unidade indissociável que revela o *Ser* que é. Verificamos e confirmamos a matéria como o corpo se apresenta, bem como sua dimensão de comunicar que antecede e transcende a comunicação verbal. Esse potencial e revelador de uma fala se fez representar pela dimensão sagrada e simbólica do corpo e seus aspectos físico, psicológico e divino dentro da compreensão da Cabala e da filosofia judaico-cristã. É portanto, a formação

arquetípica do esquema corporal que apresenta um significado ampliado e que transcende a objetividade do corpo tornado matéria, das construções fragmentárias de imagens corporais. Esboçamos a compreensão do conjunto de representações que o corpo pode assumir, a dimensão simbólica. Esta não significa simplesmente o conjunto de significados das diferentes partes da Árvore humana, e sim, a compreensão de que cada parte do esquema corporal atua como um significante, capaz de fazer com que o indivíduo possa agir. A dimensão simbólica produz uma ação no real, suscita um sentido ao ser que somos. Assim, é importante que se compreenda ao lidar com o paciente, que o olhar, a escuta, e o acolhimento terapêutico não seja composta de uma infinidade de fragmentos do corpo, isolados de uma representação, de um sentido. É preciso que o terapeuta possa provocar recordações, interpretações, fazer ligações, estabelecer analogias, mobilizar e amplificar o sentido. Oportunizar ao paciente não se identificar apenas com o seu corpo, seu psiquismo, mas de descobrir esta outra dimensão do seu ser, a dimensão sagrada. É reencontrar-se na unidade.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- DOUGLAS, Nick & SLINGER, Penny. **Segredos sexuais**. Record: São Paulo, s/d.
- JUNG, C.G. *Psicologia do inconsciente*. Vozes: Petrópolis, 1981.
- MAGALHÃES, Lúcia Maria Azevedo. **Teoria da personalidade em Carl Gustavo Jung** In: REIS, Alberto Olavo Advincula. **Teorias da personalidade em Freud, Reich e Jung**. EPU: São Paulo, 1984.
- MIRANDA, Evaristo Eduardo de. **Corpo território do sagrado**. Loyola: São Paulo, 2000.
- PÉREZ, Vladimir Serrano. **Una aproximación al cuerpo simbólico**. *Jungniana*, v. 20. Revista Brasileira da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica. Palar Athena: São Paulo, 2002.
- REIS, Marfiz Ramalho. **O corpo como expressão de arquétipos**. *Jungniana*, v. 20. Revista Brasileira da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica. Palar Athena: São Paulo, 2002.
- SIVADON, Paul & ZOILA, Adolfo Fernandez. **Corpo e Terapêutica: uma psicopatologia do corpo**. Papirus: Campinas, 1988.

SOUZENELLE, Annick de. **O simbolismo do corpo humano: da árvore da vida ao esquema corporal.** Ed. Pensamento: São Paulo, 1995.

VARGAS, Nairo de Souza. **Símbolo e psicossomática: o corpo simbólico.** Junquiana, nº 20. Revista Brasileira da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica. Palar Athena: São Paulo, 2002.